REFERÊNCIAS

1. ANEP, Associação Nacional de Empresas e Pesquisas. Informações sobre critérios de classificação em classes sociais, disponível em <http://www.anep.org.br>.
2. ANDIFES, Associação Nacional de Diretrizes das Instituições Federais de Ensino Superior. Pesquisa do II Perfil socioeconômico e cultural dos estudantes de graduação das IFES.
3. INEP, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2007 Junho. Disponível: <http://portal.inep.gov.br/web/censo-da-educacao-superior/evolucao-1980-a-2007>.
4. Tabela de Estatísticas sobre Caracteres Populacionais no BRASIL – CENSO 2000.
5. IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Tabela de Estatística sobre Características gerais populacionais no BRASIL: Religião e Deficiência- CENSO 2010.
6. IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Tabela de Estatística Populacional no BRASIL : Fecundidade- CENSO 2010.
7. Mauritti R (2002). Padrões de vida dos estudantes universitários nos processos de transição para a vida adulta, Sociologia, Problemas e Práticas, 39, 85-116.
8. Oliveira F (2004). Ser negro no Brasil: alcances e limites. Estud. av. [online]. 2004, vol.18, n.50, pp. 57-60. ISSN 0103-4014. Cita Johann Friedrich Blumenbach.
9. REUNI, Reestruturação e Expansão das Universidades Federais-. Disponível: <http://reuni.mec.gov.br>.

AUTORES:

José Maurício Capinussú ¹
Nathalia G. P. de Menezes ¹

¹ Universidade Salgado de Oliveira
(Universo), Rio de Janeiro, Brasil

Motivos e pretextos para a violência no futebol

6596

PALAVRAS CHAVE:

Violência. Jogador. Educação. Futebol.

RESUMO

O presente trabalho faz uma abordagem sobre os motivos e os pretextos causadores da violência no futebol, desde o que se passa na cúpula dirigente dos clubes, nos vestiários e vai até as quatro linhas do campo. Em qualquer uma destas situações, a violência acontece sob variadas formas, seja na complacência dos dirigentes, no estímulo por parte dos técnicos ou nas ofensas verbais e agressões dos jogadores. Ao longo desse trabalho propomos estabelecer recomendações capazes de minimizar os efeitos da violência no futebol.

Correspondência: José Maurício Capinussú. Universidade Salgado de Oliveira (Universo)
Rio de Janeiro, Brasil.

Motives and excuses for violence in football

ABSTRACT

This paper presents an approach about the motives and pretexts causing violence in football, since what goes in the dome of the leading clubs in the locker and goes to the four lines of the field. In any of these situations, violence occurs in many forms, whether in the complacency of leaders in the stimulus by the technicians or the verbal abuse and aggression of the players. Throughout this work, we provide recommendations that can minimize the effects of football violence.

KEY WORDS:

Violence. Player. Education. Soccer.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, a violência no futebol vem se tornando um fenômeno capaz de proporcionar aprofundados estudos, devido ao fato de envolver uma gama de personagens, desde o dirigente esportivo, o técnico e o jogador, extrapolando as quatro linhas e contagiando negativamente os espectadores.

Levantamentos feitos em países europeus indicam que o vandalismo, hoje muito presente nas arquibancadas e fora dos locais de competição, se situa mais entre uma juventude frustrada predominantemente de pessoas do sexo masculino, motivada pela ingestão incontrolável de bebidas alcoólicas e pelo consumo de tóxicos.

Até alguns anos atrás, a briga nas arquibancadas e fora delas, restringia-se a enfrentamentos esporádicos devido à rivalidade existente entre os torcedores dos clubes litigantes, às vezes motivados por uns poucos copos de cerveja.

No próprio campo de jogo, quando os atletas se desentendiam, dificilmente o problema não era contornado por eles próprios, pelos mais moderados e disciplinados. Entretanto, a situação mudou muito nos últimos anos, inclusive nos países futebolisticamente mais desenvolvidos, econômica e culturalmente. Dentro de campo brigam os jogadores, dirigentes, técnicos e torcedores, que invadem o local, armados de porretes de madeira, barras de ferro e até mesmo facas, descarregando toda a sua ira sob pessoas que mal conhecem e se transformando em algozes gratuitos de inocentes vítimas.

Estudiosos no assunto foram por nós lidos, pelo meio de suas teorias e opiniões, dentro de uma revisão literária, que nos serviu também para tirar conclusões e estabelecer recomendações, cujo objetivo principal é minimizar e a médio prazo somar-se a outras contribuições que venham a aparecer, possivelmente acabando com a violência dentro e fora das praças esportivas.

ANÁLISE DA VIOLÊNCIA

A agressividade deve estar sempre presente na competição esportiva, sem apelar para a violência representativa da agressão, da fraude, do comportamento antiético, mas a agressividade representada pela garra, pelo brio, pela bravura, pelo esforço com que o atleta parte em busca da vitória, do ganho honesto, suado, leal e brilhante.

Bonet ⁽¹⁾ afirma ser indispensável garantir a especificidade da luta esportiva, evitando-se interpretar com manifestação agressiva a atividade que assume a forma de um combate. Essa assertiva nos permite dizer que é significativa a utilização de formas opostas de valorização de comportamentos idênticos, conforme a classe social a que pertence seus protagonistas.

De sua parte, Ingham ⁽⁴⁾ afirma que aquele que realiza um ato determina, em grande escala, a interpretação desse ato. Ingham cita, como exemplo, dois fatos concretos: no primeiro um grupo de estudantes de Oxford se embebedou, quebrando tudo o que encontrava pela frente no hotel onde se hospedava. A imprensa inglesa falou na “alegria da juventude” e no comportamento que deveria ser aceito, porque era característica de uma determinada fase da vida. Por outro lado quatro jovens operários tiveram o mesmo comportamento, classificado pela mesma imprensa como um “desejo selvagem e animalesco de destruição”, sendo rotulados de “bandidos e selvagens”, que demonstravam seu desejo inato de agressão e destruição. Trata-se de uma indulgência por demais discriminatória, comum nos países de língua inglesa.

Vale recordar uma declaração do falecido treinador Moisés, em seu tempo de jogador, um apologista da violência e um autêntico predador do futebol técnico, ao comentar um incidente ocorrido em um treinamento em que dois jogadores trocaram socos e pontapés: “No fundo a briga até que foi boa. Mostrou que o clube tem um time de machos. E futebol, como todos dizem, é coisa para homens.”.

Além de condenado chauvinismo, tal atitude evidencia a formação empírica da maioria dos técnicos de futebol de até alguns anos atrás, formação obtida através da “geração espontânea” e desprovida daqueles elementos indispensáveis para um verdadeiro técnico de futebol, preparados em curso de pós-graduação organizados pelas escolas superiores de educação física, onde são ministrados ensinamentos que incluem disciplinas como psicologia comportamental, capaz de transmitir procedimentos bem mais corretos do que aqueles fornecidos pelo empirismo.

FILOSOFIA DA VIOLÊNCIA

Carvalho ⁽³⁾ denomina de “violentalogia” a filosofia da violência, que coloca o esporte como uma agressão constituinte de motivação para a realização de uma performance, acentuando que a finalidade da agressão é a identidade de si próprio, é uma parte integrante no processo de sobrevivência.

O crescente desemprego e a crise financeira, problema de âmbito internacional, proporcionam poucas esperanças para jovens não qualificados obterem a satisfação de suas necessidades imediatas criando tensão emocional e cultural entre esses jovens e a sociedade em geral. Por outro lado, o atleta passa a ser tratado cada vez mais como um operário que deve produzir permanentemente, vendendo sua força de trabalho, enquanto os patrocinadores se constituem em outro processo que, indiretamente, vai influir na violência esportiva. As grandes empresas conseguem obter um êxito publicitário sem precedentes para seus produtos, de uma forma bem mais econômica do que pela utilização dos meios clássicos de publicidade. Mas, evidentemente, um patrocinador só se dispõe a financiar uma equipe se esta for vencedora.

O exacerbado culto da vitória, proclamado por técnicos e dirigentes, transforma os atletas em selvagens e os expectadores em fanáticos agressivos e violentos. Ingham cita três tipos de fatores determinantes da violência na época em que escreveu seu artigo publicado pela Revue Olympique ⁽⁴⁾, fatores estes que se aplicam aos dias atuais:

- 1) A mutação verificada no esporte profissional nos últimos vinte anos, em todos os aspectos, como consequência da intervenção sempre crescente do dinheiro;
- 2) A influência dos meios de comunicação sobre as relações entre os esportes de massa de caráter coletivo, como grande espetáculo e a violência;
- 3) O tipo de comportamento e a sensibilidade própria dos torcedores dos clubes em relação à própria violência e ao significado que esta possui para eles próprios.

Consciente de que a violência dos espectadores fanáticos está ligada às apostas, à ingestão descontrolada de álcool e/ou drogas e ao pobre espetáculo que os jogadores mais agressivos proporcionam, Carvalho ⁽³⁾ formula as seguintes questões:

- a) Como explicar que a enorme maioria dos participantes dos tumultos sejam jovens sem perspectiva de trabalho?
- b) Sendo a maioria desses jovens pertencentes ao sexo masculino, como explicar que as mulheres jovens, faixa onde o desemprego é muito maior, não participem dessas situações de violência?
- c) Por que é que se valoriza a participação da classe operária, quando se sabe que a violência se exprime normalmente com igual intensidade entre jovens oriundos da burguesia?
- d) Serão essas manifestações diferentes em sua origem e caráter daquelas que encontramos nos grandes concertos de rock, em que rapazes e moças manifestam idênticos comportamentos?

VIOLÊNCIA E MEIO DE COMUNICAÇÃO

Em seu trabalho sobre sociologia do esporte “Sociologie du Sport”, Magnane ⁽⁶⁾ alerta para o processo de mitificação do campeão e o reforço mútuo existente abordando as exigências espontâneas do consumidor e a preocupação em satisfazê-las imediatamente, a qualquer preço, por parte dos órgãos de comunicação.

Magnane é enfático ao afirmar que “reclamando cada vez mais prodígios, o público incita os jornalistas especializados a inventar sem cessar novos acontecimentos. Essas invenções, por seu lado, suscitam novas necessidades”.

A maior parte da imprensa escrita falada é representada por empresas comerciais que precisam usufruir lucros, exatamente como qualquer outro empreendimento capitalista, onde predomine a lei da receita e da despesa.

Neste contexto, a violência é um dos ingredientes indispensáveis ao aumento das tiragens e da audiência de rádio e televisão. Ai fica a pergunta: até que ponto esta exploração não fabrica mais violência? E que papel os meios de comunicação de massa desempenham em relação à violência e seu fomento? Segundo Morris ⁽⁷⁾ a imprensa exagera desmedidamente os incidentes, visando fabricar notícias sensacionalistas que vendam jornais.

A comunicação esportiva integra-se a esse grande movimento gerador de violência que invade a sociedade de classes de um extremo ao outro. Não gera violência, mas se encarrega de transmiti-la, veiculá-la e prepará-la incluindo-se no sistema cultural que procura garantir a reprodução do poder.

Depreende-se assim, que a imprensa esportiva, devido à capacidade de criar acontecimento tem maior responsabilidade em relação à violência.

VIOLÊNCIA E EDUCAÇÃO

A questão da violência é fundamental na educação esportiva, da mesma forma que o é para toda a educação. A tarefa formativa do educador, através da prática esportiva, surgiu com Thomas Arnold e o seu colégio de Rugby, utilizado como instrumento pedagógico nas escolas públicas inglesas durante a era vitoriana.

A admiração do jovem pela estrela esportiva, particularmente no futebol é ilimitada. Por isso mesmo, pode encerrar um dos mais perigosos aspectos da prática esportiva pelas crianças e adolescentes. A luta contra a violência esportiva passa inevitavelmente pela formação educativa do jovem atleta, motivando a necessidade de campanhas de esclarecimento que objetivem a educação esportiva em prol do espírito e da ética do esporte.

A falta de educação esportiva, atualmente, apresenta exemplos substanciais:

1) Copa da Europa de Clubes (Copa da UEFA): jogo disputado em Bruxelas entre Liverpool e Juventus, quando torcedores ingleses derrubaram a cerca e agrediram selvagememente torcedores italianos, registrando-se algumas mortes.

2) Copa da Europa de Seleções (1988): torcedores ingleses bebem desbragadamente e provocam desordens na Alemanha, sendo presos e expulsos da cidade de Dusseldorf.

3) Eliminatórias da Copa do Mundo de 1993: outra vez torcedores ingleses, os “Hooligans”, na berlinda. Bêbados e segundo os órgãos noticiosos, alguns sob efeito de drogas, provocam badernas em Amsterdã, sendo presos e colocados no avião que os levaria de volta a Londres, 24 horas antes do jogo Holanda e Inglaterra.

4) Jogo Palmeiras x São Paulo, pelo campeonato paulista de futebol (1995): as duas torcidas se agrediram causando a morte de um jovem de 19 anos.

5) Dirigentes entram em campo para agredir árbitros proporcionando um exemplo negativo aos atletas (várias situações).

6) Briga entre jogadores na partida Brasiense x Ipatinga, pela 3ª divisão do campeonato brasileiro de futebol, extensiva aos dirigentes e torcedores dos dois clubes, em que até um dirigente do clube que tinha mando de campo (Brasiense), mandou abrir os portões que dão acesso da torcida ao campo de jogo, para que torcedores do clube local pudessem agredir os atletas do clube visitante. Destaque-se que este dirigente é um ex-treinador caçado por envolvimento em atos de corrupção envolvendo dinheiro público.

7) Dirigente faz um afago no atleta, após este se portar de forma inconveniente e ser expulso do jogo, prejudicando sua equipe. Não se trata de um conforto, mas de um estímulo à falta de educação esportiva.

8) Os tribunais esportivos estimulam a deseducação do atleta e, por indução, a violência, aplicando punições por demais leves e até ridículas aos infratores.

9) Jogo Barcelona x Real Madrid, pelo campeonato espanhol de futebol em 2002, reunindo os atletas mais caros do mundo (Figo, Ronaldinho, Zidane, Roberto Carlos, Raul, Kluver): torcedores do Barcelona, que davam mando de campo, provocam a suspensão temporária da partida no momento em que o português Figo ia cobrar um escanteio, arremessando uma série de objetos (garrafas de plástico, pilhas e até uma garrafa de vidro de whisky) no referido jogador, como uma forma de hostiliza-lo por ter cometido o “pecado” de trocar o clube da casa pelo Real Madrid.

10) Jogo Corinthians x San José, de Oruro (Bolívia), 2013: torcida organizada do Corinthians solta um sinalizador que atinge um jovem torcedor boliviano, provocando a sua morte. Os torcedores brasileiros foram presos, permanecendo alguns meses naquela cidade, porém não parecem ter aprendido a lição, uma vez que recentemente durante um treinamento da equipe corintiana, no parque São Jorge (São Paulo), invadiram o local onde estavam os jogadores com o objetivo de agredi-los.

11) Jogo Atlético Paranaense x Vasco, 2013: briga generalizada entre torcedores das duas equipes até interrompendo o jogo, com várias pessoas feridas, algumas hospitalizadas em estado grave. Registra-se que de dentro do campo os próprios jogadores pediam que os torcedores acabassem com o conflito, o que só aconteceu com a intervenção tardia da polícia.

CONCLUSÃO

1 — A violência no futebol é um reflexo da violência que grassa na sociedade.

2 — O aumento da violência no futebol reflete a pressão cada vez maior que se exerce sobre os atletas, com o objetivo de levar à vitória utilizando qualquer recurso.

3 — Os próprios dirigentes e técnicos esportivos gostam de estimular seus atletas a recorrerem à violência como uma forma de atingir o objetivo colimado – a vitória.

4 — Os grandes interesses comerciais, representados pelos patrocínios milionários e os altos prêmios em dinheiro oferecidos pelos dirigentes (sempre eles!), levam o atleta a se valer da violência (agressões, fraudes, dopings) na ambição de vencer o jogo.

5 — O estímulo proporcionado pela imprensa sensacionalista alardeando os fatos negativos e acirrando os ânimos às vésperas da competição concorre para a ocorrência da violência no campo de jogo.

6 — O estímulo dado pelos clubes às chamadas torcidas organizadas, proporcionando-lhes uma série de injustificadas regalias, desde a distribuição de grande número de ingressos até a doação de quantias, às vezes vultuosas, transformando grupos que antes iam aos estádios apenas para incentivar os times de sua predileção de forma entusiástica, pura e bonita, em organizações comerciais onde até o tóxico é negociado.

RECOMENDAÇÕES

De acordo com as conclusões acima mencionadas, podemos fazer as seguintes recomendações:

1 — Criar um organismo próprio, especializado na luta contra a violência imperante no futebol, com funções jurídicas e sem maiores implicações burocráticas.

2 — Organizar cursos destinados à formação de dirigentes, objetivando dar-lhes mais maturidade, mais personalidade, mais cultura e melhores condições técnicas.

3 — Exigir melhor qualificação dos ocupantes de funções diretivas: entidades de administração e prática do futebol, não devendo os mesmos estar incriminados com justiça esportiva, trabalhista ou criminal.

4 — Incentivar campanhas antiviolaência na escola, procurando-se incutir nas competições estudantis princípios moralizadores e honestos, citando como exemplo para os jovens o papel desempenhado pelo atleta de alto nível técnico e, principalmente, moral.

5 — Proibir a venda de bebidas alcóolicas de qualquer espécie nos estádios de futebol.

6 — Reformular e atualizar completamente a legislação esportiva, enfatizando a coibição da violência e prescrevendo pesadas punições aos infratores.

7 — Envolver todos os seguimentos da sociedade nas campanhas antiviolaência, utilizando-se modernas formas publicitárias capazes de sensibilizar dirigentes, treinadores, jogadores e o público em geral.

8 — Evitar a participação, nas campanhas, de políticos inescrupulosos que tentem manipular a opinião publica em proveito próprio.

9 — Restringir o acesso ao campo apenas à Comissão Técnica (supervisor, médico, técnico, preparador físico, massagista), jogadores, policiais, árbitros e auxiliares. A imprensa esportiva será representada apenas pelos fotógrafos que deverão postar-se atrás de uma cerca flexível colocada paralelamente à linha de fundo.

10 — Proporcionar melhor formação ao jogador, induzindo-o a estudar ao mesmo tempo em que pratica o futebol.

11 — Punir o clube pelos atos de seus dirigentes e treinadores que estimulem os atos de violência, infringindo-lhe perda de pontos, do mando de campo e pesadas multas, caso o fato tenha ocorrido em suas instalações.

12 — Consultar o Ministério do Trabalho sobre a validade de regulamentar uma punição ao atleta que provoque lesão em seu adversário, afastando-o de qualquer competição durante o mesmo período em que o colega de profissão lesionado estiver ausente dos campos de jogo.

13 — Apurar melhor a formação dos árbitros, exigindo que tenham nível universitário e sejam dirigidos por um órgão cujo titular representante o que de mais nobre tem a classe.

14 — Aperfeiçoar e reforçar as condições de segurança nos estádios, equipando os órgãos policiais com materiais modernos (câmeras instaladas em dirigíveis e filmadoras normais, com pessoal infiltrado entre os torcedores).

15 — Obrigar os clubes a colocar na direção técnica das equipes representativas das categorias de base somente professores de educação física, isto é, educadores, que possam realmente proporcionar uma formação compatível ao adolescente.

16 — Punir a violência no campo de jogo da forma mais severa possível, providenciando a prisão em flagrante e a instauração de processo criminal contra o atleta que agredir seu colega de profissão.